

# AINDA FALTA ESCREVER A VERDADE SOBRE O 25 DE ABRIL

A produção literária e ensaística sobre a Revolução tornou-se objeto de estudo. Mas é ainda insuficiente para explicar um dos acontecimentos que mais alteraram a história de Portugal. Num país com tantos donos de opinião, mantém-se a pergunta: por que são raros os portugueses que assumem como missão revelar o que foi o 25 de Abril em todos os sentidos? O Q' fez um levantamento das novidades e encontrou bons exemplos. Só não percebeu o que assusta capitães de Abril, políticos, ensaístas, historiadores e escritores para clarificar em definitivo o golpe militar.



POR João Céu e Silva



***A visão crítica sobre o passado***

O medo na Guerra Colonial por Catarina Gomes.

# Histórias da guerra que os filhos não podiam ouvir e a Revolução calou



Catarina Gomes já perdera o pai quando as suas perguntas sobre a Guerra Colonial se cristalizaram. Fez da sua possível pergunta o título de um livro que mostra um lado apagado pelo 25 de Abril

**A** RAZÃO para escrever um livro difere de autor para autor, mas no caso de Catarina Gomes ela nasce de uma investigação sobre a Guerra Colonial do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra – *Filhos da Guerra Colonial: pós-memória e representações* – sobre a qual escreveu no estatuto de jornalista. A escrita do artigo exigia-lhe fazer acompanhar a reportagem com um testemunho na primeira pessoa: “Para sentir que não estava de fora e apenas a escrever sobre o tema, mas também por ser ‘uma filha da guerra’ através de ‘memórias em segunda mão’ de que falava a investigação.” Dai ao convite da editora Matéria-Prima para escrever um livro por causa desse artigo foi um passo.

Segundo a autora, a maior parte dos ex-combatentes tem dificuldade em relatar essa parte da sua vida de Guerra Colonial no quadro do que mais violento ela contém: “As comissões foram mais do que aquilo que se associa vulgarmente à guerra – combate, armas, mortes –, afinal representou para esta geração de pais muitas vezes a primeira vez que saíram do País e o primeiro contacto com o muito diferente que era África.” Por essa razão, alguma dessa experiência foi passada mas, alerta, “era mais o lado bom porque há coisas que não se contam às crianças”.

Acrescenta que é fácil partilhar os álbuns de fotografias que mostram da guerra o lado pitoresco: “Os pais ao lado de mulheres africanas de peitos à mostra, de meninos negros de barrigas arredondadas. Quase parecem fotos de férias!” O que não se fotografa, ou não se coloca nos álbuns, é a parte trágica: “Isso não ficou registado, não há negativos, e as histórias mais trágicas foram filtradas.”

Dai que o título do livro, *Pai, Tiveste Medo?*, torne bem claro o propósito do trabalho: “Claro que todos tiveram medo, a questão é se o verbalizaram em família, aos filhos e às mu-



Grupo de soldados celebra a reconquista da mítica Nambuanguongo



## ‘Pai, Tiveste Medo?’

Catarina Gomes  
Matéria-Prima Edições  
246 páginas  
ISBN 978-989-8461-80-3

lheres.” Considera ser uma situação difícil porque essa foi uma geração de pessoas muito moldada por uma cultura tradicional em que o “homem não chora e se tem medo não o demonstra”, ou seja, “esconde-o sobretudo aos filhos”. Mesmo assim conseguiu encontrar pais que manifestaram esse medo abertamente, bem como outros em que essa vulnerabilidade não assumida foi adivinhada pelos filhos.

Não foi uma investigação fácil e a primeira barreira que encontra foi logo nos próprios pais quando lhes pedia autorização para falar com os filhos sobre a guerra, tentativas que saíram goradas em muitos casos.

Muitos dos relatos de guerra são horrorosos. Como reagem os filhos às revelações?

A guerra não foi só experiências dramáticas e alguns guardam do tempo saudades. Mas o horror, mesmo, não passou para os filhos. Vários descendentes estão convencidos de que muito desse horror fica entre eles e foi essa uma das razões por que começaram a organizar convívios como se fossem “uma espécie de grupos de autoajuda disfarçados”, como diz uma das filhas.

Os descendentes compreendem os atos dos pais ou preferem o silêncio?

Acho que perceberam todos que a guerra foi mais do que disparar armas, até porque muitos nem sequer estiveram na frente de combate.

Optam por glorificar, esquecer, compreender, contextualizar?

Acho que os filhos tentam compreender e colar pedaços das histórias que foram ouvindo para que façam sentido na sua própria narrativa de vida enquanto filhos.

A partir do que investigou conclui que o primeiro passo para o contar dessas memórias de comissão militar é dado pelo pai ou pelos filhos?

A porta de entrada forma muitas vezes os álbuns de fotografia da guerra. São objetos que andavam e andam nas casas onde cresceram. Algumas perguntas surgiam a propósito dessas imagens, desses objetos, estatuetas, peles de animais... Eram a primeira porta para a curiosidade infantil.

Na capa tem a frase: “A guerra contada é muito diferente da que foi vivida.” O que a faz afirmar isso?

A guerra é passada para os filhos muito através do silêncio e pela imaginação que trabalha em cima do pouco que é dito. Bastante é adivinhado. Porque é que o pai de uma entrevistada chorava quando via crianças africanas na televisão? Ela perguntou-se: “Atacam uma aldeia e havia mães e crianças a assistir? Tiveram de atear fogo a casas e lá dentro havia crianças que eles depois viram carbonizadas?” Ficou como não dito. Esta filha disse que nunca ousou perguntar nada ao pai: “Há histórias que eu não queria ouvir, não queria ouvir da boca dele. Imaginei que tivessem de fazer coisas muito más.” Muitos filhos o que fizeram foi juntar pedaços e cada um faz o seu próprio puzzle para que tudo faça sentido. Depois, muitos deles, mesmo tendo já quase 40 anos, têm consciência do que lhes foi passado são versões suaves para filho-criança ouvir. Não foi acrescentado quase mais nada depois das suas saídas da casa da família.

Qual foi o impacto do 25 de Abril de 1974 sobre os milhares de militares que defenderam o “império”?

O livro não foi por aí, mas percebi que a defesa do dito império, do que lhes diziam que também era Portugal, era a cassete com que seguiam de cá e que a maioria, sem grande consciência política, aceitava. O que lá encontraram era o embate com uma realidade que alguns perceberam ser injusta e em que o dito inimigo se humanizava no contacto com as populações. Lutavam porque eram as circunstâncias, porque era obrigatório, porque a alternativa era desertar e isso para muitos era pouco corajoso. Nas pequenas terras o não ir à guerra era para muitos não se ser homem. Se todos iam porque haviam eles de ficar de fora? Acontece é que depois do 25 de Abril muitos destes ex-combatentes foram confundidos com o regime e eram chamados de fascistas só porque lá tinham estado, a maioria recrutada à força. Por isso, terão demorado tanto tempo a surgir estes convívios de ex-combatentes que se multiplicaram às centenas pelo País.

Como vê a transformação das capitães que promovem a guerra contra os povos das “colónias” em capitães da liberdade de Abril?

Uma reviravolta feliz. Se calhar também contribuiu, entre muitos outros fatores, esse embate com o terreno, com a consciência de que a guerra que travavam era injusta e era uma luta contra um fim que cada vez mais foram vendo como inevitável: a independência destes povos. Terá crescido na guerra a ideia de que vidas se estavam a perder inutilmente, seguindo ordens dadas confortavelmente à distância e a partir de gabinetes. Quem vê morrer amigos ou manda morrer subordinados inevitavelmente pergunta-se que fim serve essas mortes.

Ao terminar este trabalho qual foi a sensação com que ficou?

Que este é um assunto muito pouco consensado. Há cerca de um milhão de homens que foram à guerra, muitos terão tido um ou dois filhos. Há uma geração de filhos que ouviram a guerra em casa, alguns, apesar de tudo uma minoria (filhos de pessoas com deficiências físicas, com sequelas psiquiátricas), foram afetados de uma forma negativa, mas para muitos, acredito que a maioria, esta é a história de uma aventura, é uma história de família que ficou cristalizada na infância. Poucas perguntas sobre a guerra foram feitas já na idade adulta. Gostava que o meu livro fosse um convite a novas perguntas.

## ‘Pai, Tiveste Medo?’

CATARINA GOMES

Depois da morte dele começou a olhar para aquelas fotografias de homem que fez coisas más, que deve ter feito coisas más, mas que não era mesmo mau. Para Alexandra isso significa que ele não nasceu assim. “Se ele fosse assim, ele era sempre assim. Percebi que ele não era mau, que trouxe a maldade do Ultramar.” Ele tinha momentos em que não era violento, em que lhe trazia o pequeno-almoço à cama, “à carochinha dele”, era como ele a tratava. “Um homem intrinsecamente mau não tem estes atos de carinho”, racionaliza, “por ser boa pessoa é que não conseguiu viver com aqueles atos heroicos”. “É-se atirado para a selva com vinte anos, é-se adolescente, a vida pode acabar a qualquer segundo. Viver assim destrói qualquer pessoa.”

Quando o pai morreu, telefonaram-lhe dos fuzileiros a dizer que tinha direito a funeral com honras militares, com salva de homenagem, perguntando se Alexandra as queria. Ela respondeu, dura, “não quero nada”. Arrependeu-se e recuou. “Pensei ‘pelo menos que lhe deem essa honra, já que lhe deram cabo da cabeça’.” Os fuzileiros lá estavam, à porta, o caixão sempre foi envolvido na bandeira nacional. “Não lhes liguei nenhuma, com as armas, a fazer aquelas coisas deles, aqueles barulhos deles, aquelas coisas das botas. Até fui mal-educada.”

“No funeral, o cemitério estava cheio. Fiquei surpreendida. Imensa gente o adorava, era generoso. Ele era boa pessoa, é o que os amigos nos dizem. Nunca imaginei que ele fosse tão querido. Era um bom homem.” Assim decifrado o pai, desculpou-o. “Eu não o odeio, penso ‘meu Deus, o que ele passou’.” Alexandra até passou a ver alguns dos episódios que viveu na infância de forma diferente.